



MEMÓRIA E REPETIÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE MIKHAIL BAKHTIN E SÖREN KIERKEGAARD

Joanne Ferreira de Oliveira Cordeiro
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida
(UESB)

RESUMO

As concepções dos filósofos Mikhail Bakhtin e Sören Kierkegaard fundamentam este trabalho, que trata a questão da memória como constitutiva do si mesmo. Os conceitos bakhtinianos de valor, entonação e ato dão base a uma reflexão crítica a respeito do papel da memória, especialmente no que concerne à relação do indivíduo com a linguagem e consigo mesmo. A memória, para Bakhtin, é constitutiva do indivíduo e se divide em memória de passado e de futuro. Esta última aproxima-se da categoria da repetição em Kierkegaard, a qual, para o pensador, também constitui o si mesmo. Nessa perspectiva, os filósofos se encontram, já que, para ambos, a constituição do si mesmo é um evento que se caracteriza pela escolha do indivíduo ou por se constituir na relação consigo mesmo e com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Repetição, Si mesmo

INTRODUÇÃO

MEMÓRIA E DIALOGICIDADE

Inicialmente, a fim de entender a questão da memória em Mikhail Bakhtin, desenvolvo aqui uma análise da relação da linguagem com a memória apresentada pelo

*Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Doutoranda em Memória, Linguagem e Sociedade/UESB; Grupo de Pesquisa Memória, Subjetividade e Subjetivação no Pensamento Contemporâneo – Coordenador: Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida. E-mail: joanneportugues@hotmail.com

**Pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS; Doutor em filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma; Prof. titular do DFCH da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Memória Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: mirandajma@gmail.com

pensador russo em sua obra *Estética da criação verbal*(1992)§§§§§§§§§§§§§§. Para Bakhtin, o fato linguístico só pode ser compreendido em sua existência de contexto de enunciações dialógicas. Dialogicidade em Mikhail Bakhtin é o que ele define como o processo de interação entre os textos que se cruzam na prática discursiva, num processo polifônico, em que aparecem outras vozes, outros discursos. Dessa forma, a memória se apresenta no interior das relações das práticas discursivas e o comportamento linguístico do sujeito da enunciação é determinado assim pela sua relação com a memória inscrita no seu meio social, tanto o imediato como o mais amplo. O sujeito, nessa visão, não é independente nem inaugura sua própria linguagem; ele se constitui na relação com outros sujeitos, e essa relação é atravessada por diferentes usos da língua, conforme a esfera social em que se insere.

Bakhtin (2000) apresenta enunciação como o resultado da interação entre indivíduos socialmente organizados e observa que, mesmo não havendo um interlocutor real, este pode ser representado pelo grupo social ao qual pertence o locutor. Assim sendo, Bakhtin confere à memória presente no enunciado linguístico um valor de constituinte de um intermédio entre o eu e o outro, podendo ser este último o interlocutor social, que simboliza o contexto social e ideológico*****. Além disso, para Bakhtin, os interlocutores se alternam ativamente nos processos da enunciação. Em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1992), vemos que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”(p. 271). Quanto à resposta “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”(p. 272).

§§§§§§§§§§§§§§ As referências nas citações indicam o ano de publicação das obras consultadas, e não o ano da primeira publicação da obra. Fazer esta observação é importante porque as obras do dinamarquês são anteriores às do pensador russo e esse fato é fundamental para se perceber, nas obras de Bakhtin, a influência que ele recebe de Kierkegaard. Dessa influência, Bakhtin fala na entrevista a Viktor Duvakin, a qual se encontra na obra *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin* (2008).

*****Para Bakhtin, ideologia pode ser entendida como um conjunto de concepções de uma classe dominante. O signo ideológico tem um sentido valorativo e não é apenas expressão de uma ideia, mas uma tomada de posição em um determinado contexto histórico. Em *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2000), afirma que “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência”.



Então é importante ressaltar que para Bakhtin o enunciado resulta de uma memória repleta de enunciados já ditos em outras situações interacionais, numa relação dialógica, em que a enunciação se assinala pela presença desses sentidos das “palavras dos outros que trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos”. Bakhtin atribui a essa memória um estatuto privilegiado ao relacioná-la à alteridade:

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 1992, p. 272).

No enunciado, o sujeito que fala não inaugura o dizer, pois o mesmo está inserido numa corrente de outros enunciados, mas introduz nesse dizer a sua posição axiológica, a sua atitude valorativa; por isso, pode-se dizer que ele assina o enunciado com a sua participação ativa nele.

A MEMÓRIA DO SI MESMO E DO OUTRO

Para Bakhtin (1992), só nos constituímos por meio do outro. Se o outro me constitui, se está em minha palavra, então a memória do outro está em mim. Em Bakhtin, a memória na linguagem remete a vozes anteriores ao enunciado, de forma que reflete essas vozes e faz com que o enunciado presente se configure como um contínuo de seu tempo e de seu meio. Segundo o filósofo, “[...] nenhum objeto, nenhuma relação é dada aqui como algo simplesmente dado, como alguma coisa totalmente à mão, mas sempre é dado em conjunção com um outro dado que está conectado com aqueles objetos e relações [...]”. (BAKHTIN, 1992, p. 32). Os nossos enunciados não estão apartados em si



mesmos e desligados como estruturas independentes; eles estão conectados com outros enunciados, ligados com esses outros. Vejamos o que nos diz Bakhtin sobre isso:

Todo enunciado [...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início há enunciado dos outros, depois de seu fim, há enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato resposta baseado em determinada compreensão (2000, p. 294)

O enunciado mantém uma ligação com aquilo que já foi dito e aquilo que há de se dizer, constituindo assim uma cadeia textual com redes de memória. Constitui-se uma memória recorrente da voz do autor que produz o texto em avaliações, comentários, críticas, e uma memória da voz do outro percebida como um mesmo, um elemento que permanece, implícita ou explicitamente.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 2000, p. 314).

Considerando-se que haja algo anterior à própria enunciação em uma relação com aquilo que está sendo enunciado, torna-se perceptível então a reiteração de uma memória. Há, dessa forma, um sentido anterior à produção enunciativa que está presente na realização do ato de fala, mais ou menos perceptível, em graus variáveis de uma alteridade marcada ou de uma assimilação, de uma incorporação do sentido do outro no ato enunciado. É um trabalho de memória constante que marca tanto o sentido de quem está produzindo o texto como o sentido do outro veiculado nessa produção.

A questão da memória é tratada por Bakhtin ao construir o conceito de exotopia, quando ele diz que a memória que o outro conserva de mim é essencial para a construção do meu todo e relaciona esse aspecto com a alteridade, porque o trabalho do meu agir exotópico em relação ao outro afirma nossa relação de alteridade e dentro

dessa relação eu me dêo. A memória exotópica é aquela que se constrói diante do outro, porém de fora dele. Não posso viver a vida dele e ele não pode viver a minha vida. Para compreender o outro, vou até ele, mas regresso ao meu lugar. Compreendo o outro e interajo com ele do meu lugar, único, singular, ocupado somente por mim: “Para uma abordagem estética da existência interior do outro, é preciso, em primeiro lugar, não crer ou ter esperanças nele, mas aceitá-lo em seus valores; é preciso não estar com ele e nele, mas fora dele [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 144). Não posso assumir a posição do outro, mas devo valorizá-lo no seu lugar de outro.

Essa memória é estética, aquela que cria o todo do outro atribuindo a ele forma e acabamento. E, desse modo, Bakhtin faz diferença entre memória do passado e memória do futuro. A memória do outro em mim é memória do futuro porque está ligada e comprometida com o por-vir. Bakhtin explica sobre esse futuro:

Esse futuro absoluto do sentido que me opõe seus valores e faz frente a toda a minha temporalidade (a tudo o que é já-aqui em mim) não é futuro temporal que continua a mesma vida, mas um futuro em que é sempre possível e necessário transformar formalmente essa vida, atribuir a ela um novo sentido (a última palavra da consciência). (1992, p. 136)

Trata-se, portanto, esse futuro do sentido daquele algo que “ainda-não-está-realizado” e que se opõe à temporalidade e à duração. Segundo Bakhtin (1992), a única maneira que temos de viver a temporalidade é o dado da existência diante do sentido, que ainda-não-é todo. Esse futuro é da *minha* existência, do *meu* viver-agir.

A memória de passado é atual, contemporânea, e está ligada à estética, à constituição do indivíduo sempre aberta à exigência-tarefa que me é atribuída. A memória do futuro se liga à ideia de que o indivíduo está incompleto, não foi concluído, pois sua trajetória está se fazendo, se construindo a partir de seus movimentos, com responsabilidade. O futuro mostra minha incompletude, exige minha realização futura. Cada momento que vivo é conclusivo, e ao mesmo inconclusivo, pois é o tempo inicial de uma nova vida. O passado na *minha* constituição são as experiências, enunciados, valores que *me* constituem.



Para o pensador russo, a incompletude do indivíduo exige dele uma relação de alteridade, a qual lhe dá completude. O outro tem um excedente de visão e se localiza à distância exotópica. E o excedente de visão só é possível porque existe a possibilidade de se situar fora do outro para olhá-lo de um lugar, de um tempo e com valores diferentes. Na posição exotópica, por meio da qual o outro me olha e vê mais de *mim* do que *eu mesmo* posso ver, o outro tem de *mim* a memória do passado e, devido à sua posição exterior, tem a possibilidade de constituir um todo de *mim*. De igual modo, como afirma Bakhtin, “o excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se” (1992, p. 44), ou seja, o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim; o outro tem de *mim* uma visão que *eu não tenho*, mas, por *minha vez*, *tenho* dele uma visão que ele não pode ter e que igualmente lhe dá acabamento. Entretanto, como exorta Bakhtin, isso não é essencial para “o nosso propósito”, pois na relação-de-existência importa a interação eu/outro. Conforme a visão bakhtiniana, tenho de mim mesmo uma memória de futuro e do outro uma memória de passado, enquanto o outro tem de mim uma memória de passado e de si mesmo uma memória de futuro.

REPETIÇÃO E MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DO SI MESMO

Segundo Bakhtin (1992), “em relação a qualquer coisa, seja o que for e em que circunstâncias seja dado a mim, eu devo agir do meu próprio lugar único, mesmo que eu faça isso apenas interiormente [...] e que eu veja e conheça um outro, que eu não o esqueça [...]” (p. 43). Ainda de acordo com Bakhtin (1993), “apenas eu-para-mim constitui um eu, enquanto todos os outros são outros-para-mim [...], na minha consciência emocional-volitiva, o outro está em seu próprio lugar, na medida em que o amo como um outro e não como a mim mesmo” (p. 80), ou seja, valorizo e reconheço o outro como outro-para-mim e não como eu-para-mim.



Outros sentidos habitam em cada um de nós pela memória. Entretanto, não é possível dizer que esses outros sentidos sejam constituintes do si mesmo, ou que a memória do outro constitua seu *por-vir*, pois, se o indivíduo se detiver na memória de passado, ele fica preso a esse outro: por exemplo, aquele outro que ela foi na infância, o outro-tia, o outro-pai/mãe. E o outro que existe em sua temporalidade também anula o seu eu e diante dele o indivíduo se exige ser completo, determinado *já-aqui*: diante do pai, da mãe, do amigo, do patrão, do namorado, dos colegas da escola ou do trabalho, dos outros da cidade. Assim o indivíduo não se constitui pela memória de passado do seu outro, do eu que ele deseja ser no outro ou do eu que ele rejeita no outro; não se relaciona com o outro-para-mim, mas nele se aprisiona pelo desejo de ser esse outro, imitando sua linguagem a qual acha bonita, seu jeito de vestir-se, de comportar-se socialmente; prende-se na memória do outro também quando rejeita esse outro-para-mim, ao invés de reconhecê-lo em seu lugar. A construção do eu, dessa forma, se dá não pela relação, mas pela imitação e pela interdição. E aí a memória da interdição do outro em mim está presente, determinando meu jeito de ser e de agir.

A memória de passado do meu outro ali presente, me acompanhando, existe como se servisse para me paralisar diante de qualquer perspectiva de mudança da minha realidade presente. Muitas vezes, por exemplo, a pessoa utiliza signos, como a moda, para assumir uma identidade pré-estabelecida e ser aceita na sociedade consumista em que está inserida, na qual a pessoa que tem valor é a que tem e não a que é.

Essa memória de passado inscrita em mim, sem a minha valoração, sem a minha atividade axiológica, minhas experiências vividas na infância, os enunciados ouvidos, os valores da sociedade, essa memória inscrita no meu discurso interior, com as lembranças evocadas e ruminadas num incansável movimento de pensamentos, formam o meu eu, mas um eu determinado, não o ser-evento. Se, como afirma Bakhtin (1992), no ser-evento “depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos” (p. 43), então os indivíduos que ficam estacionados no outro não constituem o ser-evento, mas “transformam o depositário da reação de valor do outro a si mesmos num ser determinado” (BAKHTIN, 1992, p. 43). A memória de passado é o



que se pode chamar de atual, contemporâneo no indivíduo que se encontra nessa situação, pois é algo que está à sua frente, que já aconteceu e que é acessado constantemente. A memória de passado do seu outro, acompanhando-o por toda a vida ou por imitação ou por rejeição, se atualiza nele.

Bakhtin enfatiza que a memória é sempre de passado e de futuro, pois andam juntas, se complementam. No si mesmo, resgatam-se os valores já estabelecidos, mas evocando-os, reinventa-se o sentido, pois o indivíduo participa desse sentido com a entonação emocional-volitiva, a sua expressão, seu desejo, sua valoração. Se não houver essa atividade axiológica, haverá um estacionamento na memória de passado, a qual não se projeta como memória de futuro para constituir o indivíduo como ser-evento, como por-vir.

Sobre um comportamento como esse, Kierkegaard (1974) indaga: “a plena luz sobre si próprio, a consciência de ser desesperado, poderá conciliar-se com o próprio desespero? Não deveria essa lucidez [...] arrancar-nos do desespero, dar-nos tamanho terror de nós próprios que estivéssemos a ponto de deixar de ser desesperados?” (p.45). Tal inquietação não é capaz de levar esse indivíduo a mergulhar em si mesmo para se encontrar como um eu que pode construir sua trajetória do seu lugar único, do lugar que somente ele pode ocupar para se edificar como uma singularidade. Na reflexão acidental, sente que não tem um eu, um si mesmo, mas essa reflexão não tem continuidade, porque, como diz Kierkegaard (1974), “esta inconsciência é o desespero [...] uma simples vida vegetativa. [...] Esse desespero que se ignora é a forma mais frequente do mundo” (p.43).

Se a pessoa acessa a memória de passado do seu outro e essa memória, não sendo completada pela memória de futuro, ou seja, não se reinventando, se essa pessoa não imprimir a sua entonação emocional-volitiva aos sentidos evocados, não se livrará do outro, mas permanecerá nele, sem se constituir com autenticidade.

Para Bakhtin (1992), *eu* não posso deixar de ser ativo no outro, “pois isso seria subtrair-me ao que constitui meu próprio sentido, seria transformar-me numa máscara da minha própria existência, seria pregar-me a mentira de mim mesmo” (p.139). A memória de futuro, como a edificação do si mesmo, apresenta-se como a imagem de um



indivíduo criativo, com responsabilidade ética. O futuro do ser, nesse caso, está dentro do indivíduo e é aquilo que está por se realizar; enfim, constitui um devir. A memória de futuro não deve ser entendida como uma relação temporal, mas deve ser relacionada à ideia de que o sujeito está incompleto, não está concluído; está em movimento. O seu futuro, que não é da temporalidade, mas do por-vir, não revoga o seu passado e o seu presente; pelo contrário, inscreve sua incompletude e sempre exige sua realização futura. Cada momento vivido é conclusivo, mas também deve ser inicial de uma nova vida.

Bakhtin (1992) sustenta que “eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim”(p. 297). Essa relação de que fala o filósofo, entretanto, é a de alteridade, em que o eu se relaciona com o outro sem abandonar o seu eu e a constituição do si mesmo.

O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard trata a constituição do si mesmo como subjetividade, como tornar-se si mesmo. Para ele, esta construção, apesar de se dar na relação com o outro, não é exterior, mas completamente na interioridade que se edifica. Para Kierkegaard, ser espírito, tornar-se um self, é encontrar-se na relação, na busca do si mesmo. Subjetividade em Kierkegaard (1980) é a verdade do indivíduo singular, da qual este indivíduo se apropria na interioridade, não na exterioridade. Para o dinamarquês, se a “essência” for tomada como “conceito” de existência, haverá confusão, porque conceitos e abstrações operam com a objetividade, e a existência nada tem a ver com a objetividade, com a exterioridade e conceitos. Sobre isso, Almeida (2011), num artigo intitulado *Subjetividade e Ética em Kierkegaard*, comenta:

Na objetividade e na universalidade do conceito, o Indivíduo Singular (*den Enkelte*) é dissolvido, é despersonalizado de sua estrutura íntima, isto é, não existe uma responsabilidade pessoal que assuma a tarefa de ser o portador do sentido (...). A uma Filosofia da objetividade pura e da redução da diferença e da identidade do mesmo, ele propõe uma Filosofia da singularidade responsável (p. 3).



Nessa questão da edificação da subjetividade, do si mesmo, amemória de futuro bakhtiniana assemelha-se à categoria da repetição trabalhada por Kierkegaard (1974). O conceito de repetição aparece primeiro, em um trabalho intitulado *A Repetição*, publicado em 16 de outubro de 1843, no qual ele diz que a repetição é a realidade e a seriedade da existência. Não se trata de repetir o mesmo e nele permanecer, mas de um movimento para adiante. Repetição é memória para a frente; é reinvenção, recriação; é retomada do mesmo sob nova forma. Repetição equivale à retomada; repetição como reapropriação daquilo que já aconteceu antes. A repetição aproxima-se da categoria do instante em Kierkegaard: “O instante é esse algo ambíguo onde o tempo e a eternidade se tocam: esse contato fixa o conceito de temporal, em que o tempo não deixa nunca de afastar a eternidade e a eternidade não mais deixa de adentrar o tempo” (KIERKEGAARD, 2010, p. 94). O instante, para Kierkegaard (2010) é um presente que não tem passado nem futuro; por isso, é eterno e não tem sucessão. O instante é contemporâneo do si mesmo que se torna. É o instante eterno do eu comprometido consigo mesmo que se ele se move em direção a si mesmo na repetição, na permanente reinvenção de si mesmo.

É dessa forma que a memória de futuro ou a repetição está estreitamente ligada ao *tornar-se si mesmo*. Kierkegaard (1976) diz:

Cada um deve tornar verdadeiro em si mesmo o fato de que sua vida já é algo antigo desde o primeiro momento em que se começou a viver, mas neste caso é também preciso ter força de vida suficiente para matar a própria morte e tornar-se uma vida real, [...] lutar entre o presente e o futuro a fim de conseguir o instante eterno. [...] é precisamente a projeção retroativa da eternidade no presente, assumindo que a memória é saudável. (p. 9)

O indivíduo, nessa perspectiva, faz da repetição uma novidade, ou seja, uma possibilidade e uma tarefa, pois assim libera o livre-arbítrio de tudo o que aprisiona, tornando a repetição o próprio objeto de sua decisão, de sua vontade. Repetição aqui é posta à imitação. Esta adoece o si mesmo, aquela o liberta e cura. O indivíduo que imita o outro não vive a repetição como uma tarefa de constituição, pois o seu outro do



passado vive nele como um fantasma o qual imita perfeitamente e queo prende no passado, sem novidade, sem livre-arbítrio, sem a sua *exigência-tarefa*. Dessa forma, repete o seu eu e o outro/próximo que desejaser como algo determinado a ser-aqui-já. A repetição aprofunda o sentido do tornar-se existência autêntica, apontando sempre para um porvir.

Se, para Kierkegaard, a repetição é memória para a frente, é movimento para a frente, reinvenção, recriação, assim como, para Bakhtin, a memória de futuro é constituinte do indivíduo, então esse indivíduo que repete imitando está determinado como si mesmo a ser-aqui-já aquilo que a memória de passado impõe que ele seja, porque não há reinvenção, recriação do mesmo que o antecede sob nova forma. Nele não há processo, não há movimento para a frente, para a constante construção do si mesmo. Já que a memória de futuro ou a repetição está estreitamente ligada ao *tornar-se si mesmo*, então está afastado dessa memória, dessa repetição constitutiva .

O instante, para Kierkegaard (2010), é um presente que não tem passado nem futuro. O que é eterno e tem sucessão se movimenta, pois o instante é contemporâneo do si mesmo que se torna. O presente é eterno, não é temporal, circunscrito no momento vivido. O eu que se constitui pela memória de passado e de futuro, pela repetição kierkegaardiana, move-se no instante eterno; é o eu comprometido consigo mesmo em se constituir na repetição, na reinvenção de si mesmo, na permanente reinvenção de si mesmo.

Esse indivíduo que se movimenta na repetição kierkegaardiana, visto sob a perspectiva da memória, não vive a identidade já determinada pelo seu passado e pela resignação diante dessa determinação, sem se movimentar na interioridade por uma decisão apaixonada do si mesmo. A alteridade se processa na edificação desse si mesmo, como uma escolha. A memória do outro nele não é repressão, rejeição ou imitação, mas sim uma relação constitutiva por decisão do si mesmo.



CONCLUSÕES

Para Bakhtin e Kierkegaard, existir autenticamente é não se encontrar numa estrutura existencial dada, estabelecida. Para constituir-se indivíduo, segundo o pensamento desses filósofos, é preciso voltar-se para si mesmo, para a verdade do interior. Isso não significa viver ensimesmado, negando os outros indivíduos, mas afastar-se do geral para não se limitar a um número e para se constituir e, nessa relação, ao mesmo tempo, projetar-se para o próximo, transbordando para ele em alteridade.

Para Kierkegaard, a autenticidade começa a se edificar no instante em que o eu sente a necessidade da consciência de si, de voltar-se para a interioridade, para a busca de valores eternos que o constituam indivíduo. Nesse entendimento do eu por ele mesmo, desespera-se na busca de ser si mesmo, e é nessa tarefa que está a elevação. Para Bakhtin, cada um de nós ocupa um lugar único, intransferível, com a responsabilidade da nossa exigência-tarefa, que é o se constituir como singularidade na relação com o outro, num permanente movimento do si mesmo em busca do tornar-se, do constituir o eu como por-vir.

Se o eu é dialógico, se interage com o outro de maneira responsável e valorativa e é pleno de palavras dos outros, então o outro constitui esse eu e, dessa forma, a memória do outro está nele. Entretanto, essa memória somente é constitutiva do eu singular responsável por si mesmo se esse eu reinventa essa memória, imprime nela toda uma entonação emocional-volitiva. Do contrário, como sustenta Bakhtin, dá-se a morte do eu. Nessa perspectiva, vimos que a memória do outro em mim é memória de passado, é pré-dado; a memória do outro reinventada em mim é memória de futuro, é a minha constituição, o meu por-vir. E, como vimos, a memória de futuro bakhtiniana aproxima-se da repetição em Kierkegaard, a qual, como movimento para a frente, recriação, reinvenção, como retomada do mesmo sob forma, constitui o si mesmo.

Repetição e memória, como reapropriação e reinvenção do passado, edificam o si mesmo. O indivíduo, nessa perspectiva, movimentando-se na repetição kierkegardiana, na memória axiológica bakhtiniana, não fica paralisado na identidade determinada pelo seu passado, mas move-se na interioridade por uma firme e



apaixonada escolha do si mesmo. Assim, o outro não é só o outro, mas um outro diferente, com sua posição axiológica no mundo e, portanto, irreduzível a mim da mesma forma que eu no outro, com a minha posição valorativa, não posso reduzir a ele. Trata-se de uma evento fundado no princípio da alteridade sobre a individualidade, da relação sobre a determinação, da subjetividade sobre a objetividade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. M. de. Subjetividade e ética em Kierkegaard. In: **Revista Filosofia Capital**. Vol. 6. 2011.
- _____. **Ética e linguagem em Kierkegaard e as influências em Wittgenstein**. Cadernos UFS – Filosofia. 2008.
- _____. **A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. V. 22, n. 39, 2013.
- BAKHTIN, M. V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. Trad. Daniela Miotello Mondardo, a partir da edição italiana.
- KIERKEGAARD, S. A doença para a morte (O desespero humano). In: **Coleção “Os Pensadores.”** Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974.
- _____. **Diário**. Brescia: Morcelliana, 1980.
- _____. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa, Edições 70, 1986.
- _____. **Post-scriptum conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas**. Milano: Sansoni Editore, 1993.
- _____. **As obras do amor**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. **A repetição**. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2009.
- SANDLER, S. Motivação filosófica de Kierkegaard e Bakhtin. In: **XIV Conferência Internacional Mikhail Bakhtin**. Universidade de Bolonha, Bertinoro, Itália, julho de 2011.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: Brait, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **O Ato "Responsível", ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente**. SIGNUM: Estudos da Linguagem. Londrina, n. 11. 2008.